

MAIS DE 70 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

HARLAN COBEN

QUEBRA DE CONFIANÇA

Uma história de Myron Bolitar



Este, como tudo o mais, é para Anne.

Agradeço a Sunandan B. Singh, M.D., legista-chefe do condado de Bergen, em Nova Jersey; a Bob Richter; a Rich Henshaw; a Richard Curtis; a Jacob Hoye; a Shawn Coyne; e, claro, a Dave Bolt.

OTTO BURKE, O REI DA CONVERSA MOLE, investiu pesado.

– Ora, Myron – insistiu com fervor quase religioso. – Tenho certeza de que podemos chegar a um acordo. Você cede um pouco. Nós cedemos um pouco. O Titans é uma equipe unida. Quero que vocês sejam parte dela, Myron. Vamos formar um time e tanto juntos. O que me diz?

Myron Bolitar uniu as pontas dos dedos das suas mãos. Tinha lido em algum lugar que o gesto dava à pessoa um ar de sensatez. Sentiu-se idiota.

– Eu não poderia querer nada diferente, Otto – disse, esquivando-se pela enésima vez. – Verdade. Mas nós já cedemos o máximo possível. Agora é com você.

Otto balançou a cabeça energicamente, como se tivesse acabado de ouvir algum disparate filosófico que deixaria Sócrates envergonhado. Estampando no rosto um sorriso forçado, perguntou ao gerente geral de seu time:

– Larry, o que acha?

Pegando a deixa, Larry Hanson bateu na mesa de reuniões com um punho tão peludo que poderia ser confundido com um roedor de pequeno porte.

– Bolitar que vá pro inferno! – gritou, com falsa fúria. – Está ouvindo, Bolitar? Entendeu o que eu disse? Vá pro inferno.

– Vá pro inferno – repetiu Myron, assentindo. – Saquei.

– Está querendo bancar o esperto comigo? Hein? Responda, droga! Está bancando o esperto?

Myron o encarou.

– Tem uma coisa presa no seu dente.

– Seu espertalhão de merda!

– E você fica lindo quando está com raiva. Seu rosto se ilumina.

Os olhos de Larry Hanson se arregalaram. Ele se virou para o chefe, depois de volta para Myron.

– Isto aqui é muito mais do que você poderia imaginar, Bolitar. E você sabe disso, porra!

Myron não disse nada. A verdade era que Larry Hanson tinha certa razão. Aquilo era bem mais do que ele poderia imaginar. Trabalhava como empresário de atletas havia apenas dois anos. Na maioria dos casos, seus clientes tinham sorte por atingirem o mínimo de qualidade para se tornarem profissionais. E o

futebol americano estava longe de ser sua especialidade. Só tinha três jogadores na liga nacional, a NFL, e dois deles eram da reserva. Agora ali estava ele, sentado diante de Otto Burke, o prodígio de 31 anos e mais jovem dono de time da liga, e Larry Hanson, ex-jogador lendário que se tornara dirigente. E estava negociando uma contratação que, apesar de sua inexperiência, representava o mais alto investimento que um time jamais fizera em um novato.

Sim, ele – Myron Bolitar – conseguira representar Christian Steele, “a grande promessa”. O *quarterback* que ganhara duas vezes o troféu Heisman. Que fora eleito melhor jogador pela imprensa três vezes seguidas. Que figurara por quatro anos consecutivos entre os melhores amadores do país. Como se isso não bastasse, o garoto era o sonho dourado de qualquer patrocinador. Aluno exemplar, bonito, articulado, educado e branco (sim, isso fazia diferença).

E, melhor de tudo, tinha Myron como empresário.

– A oferta está na mesa, senhores – continuou Myron. – Achamos que é mais do que justa.

Otto Burke balançou a cabeça.

– É merda nenhuma! – gritou Larry Hanson. – Você é um idiota, Bolitar. Vai jogar a carreira desse garoto por água abaixo.

Myron abriu os braços.

– Que tal darmos um grande abraço em grupo agora?

Larry já ia soltar outro palavrão, mas Otto ergueu a mão, impedindo-o. No tempo em que Larry jogava, ninguém conseguia pará-lo, mesmo que fosse um gigante como Dick Butkus ou Ray Nitschke. Agora esse sujeitinho de 68 quilos formado em Harvard o detinha com apenas um gesto.

Otto Burke se inclinou para a frente. Durante toda a reunião, tinha mantido um sorriso no rosto, gesticulara e sustentara o contato visual – parecia o modelo vivo de um produto que promettesse fama e sucesso. Mais desconcertante, impossível. Otto era um homem de baixa estatura e aparência frágil e seus dedos eram os mais curtos que Myron já vira. Seu cabelo era escuro e comprido, tipo heavy metal, e ia até os ombros. Tinha cara de criança e um cavanhaque ridículo que parecia desenhado a lápis. Fumava um cigarro comprido, ou talvez só parecesse comprido por causa do contraste com os dedos.

– Bom, Myron – disse Otto. – Sejamos racionais, ok?

– Racionais. Tudo bem.

– Fantástico, Myron, isso vai ajudar. A verdade é que Christian Steele ainda é uma incógnita. Nem sequer vestiu um uniforme profissional. Pode ser o maior fracasso do século.

Larry fungou.

– Você já deve saber algo sobre isso, Bolitar, sobre jogadores que dão em nada. Que só fazem merda.

Myron o ignorou. Tinha ouvido esse tipo de insulto antes. Não o incomodava mais. É como dizem: o que vem de baixo não me atinge.

– Estamos falando do cara que talvez venha a ser o maior *quarterback* da história – respondeu com firmeza. – Você fez três trocas e abriu mão de seis jogadores para ficar com ele. Não teria feito tudo isso se não acreditasse que ele vale a pena.

– Mas essa proposta...

Otto parou, olhou para cima como se procurasse as palavras certas no teto.

– ...não é apropriada.

– Melhor dizendo, é uma merda – acrescentou Larry.

– É nossa proposta final – disse Myron.

Otto balançou a cabeça sem desfazer o sorriso.

– Vamos conversar melhor, certo? Vamos olhar a coisa sob todos os ângulos. Você é novo nisso, Myron, é um ex-atleta tentando se tornar um homem de negócios. Respeito isso. É um cara jovem que está correndo atrás de uma virada na vida. Eu realmente admiro isso. De verdade.

Myron ficou na dele. Poderia ter dito que tinha a mesma idade que Otto, mas adorava ser tratado de forma paternalista. E quem não gosta?

– Se você cometer um erro nesta negociação – continuou Otto –, pode ser o tipo de coisa que vai arruinar sua carreira. Sabe o que eu quero dizer? Muita gente já acha que você não leva jeito para isso, para cuidar de um cliente desse nível. Eu, não, claro. Acho você um cara muito inteligente. Astuto. Mas o modo como está agindo...

Ele balançou a cabeça como um professor desencantado com um aluno predileto.

Larry se levantou, olhando Myron com irritação.

– Por que não dá um bom conselho ao garoto? Diga a ele para conseguir um empresário de verdade.

Myron já esperava por aquela encenação de policial malvado e policial bonzinho. Na verdade, esperava coisa até pior. Larry Hanson ainda não havia feito nenhum comentário sobre a vida sexual da mãe de ninguém. Mesmo assim, Myron preferia o policial mau. Larry Hanson era um ataque frontal, algo que pode ser facilmente identificado e enfrentado. Otto Burke era um campo minado cheio de cobras.

– Então acho que não temos mais nada a discutir – disse Myron.

– Não seria muito sensato sair daqui sem um acordo, Myron – argumentou Otto. – Isso pode arranhar a imagem impecável de Christian. Prejudicar os

contratos de patrocínio. Custar um bom dinheiro a vocês dois. Você não quer perder dinheiro, Myron.

Myron o encarou.

– Não?

– Não, não quer.

– Posso anotar isso?

Ele pegou um lápis e começou a escrever.

– Não... quero... perder... dinheiro.

Em seguida sorriu para os outros dois.

– Estou aprendendo muito hoje, não é?

– Espertalhão de merda – Larry murmurou.

O sorriso de Otto permaneceu no piloto automático.

– Se é que posso arriscar – continuou –, imagino que Christian vá querer pegar a parte dele rapidamente.

– É?

– Há quem tenha sérias dúvidas quanto ao futuro de Christian Steele. Tem gente que acredita – Otto tragou fundo o cigarro – que ele pode ter tido algo a ver com o desaparecimento daquela garota.

– Ah! – soltou Myron. – Agora, sim.

– Agora, sim, o quê?

– Você está começando a jogar lama no ventilador. Cheguei a pensar que eu não estivesse pedindo o suficiente.

Larry Hanson apontou um polegar na direção de Myron.

– Dá para acreditar no que esse frangote está dizendo? Você levanta uma questão legítima sobre a ex-piranha do Christian, uma questão que tem tudo a ver com o valor de mercado dele...

– Boatos infelizes – interrompeu Myron. – Ninguém acreditou neles. No mínimo, fizeram o público se solidarizar com Christian. E não chame Kathy Culver de piranha.

Larry ergueu uma sobrancelha.

– Ora, ora, como ficamos nervosinhos por causa de uma maria-ninguém.

A expressão de Myron não mudou. Tinha conhecido Kathy Culver cinco anos antes, quando ela cursava o segundo ano do ensino médio, e já era uma beldade. Como a irmã, Jessica. Dezoito meses atrás, Kathy havia desaparecido misteriosamente do campus da Universidade Reston. Até hoje ninguém sabia onde ela poderia estar nem o que havia acontecido. A história tivera todos os ingredientes prediletos da mídia: estudante bonita, noiva do astro do futebol americano Christian Steele, irmã da romancista Jessica Culver, e ainda um forte indício de

violência sexual como tempero extra. A imprensa não pôde se conter. Atacou a história como esfomeados se lançariam a uma mesa de banquete.

Mas recentemente uma segunda tragédia havia desabado sobre a família Culver. Adam, pai de Kathy, fora assassinado três noites atrás, no que a polícia estava chamando de “assalto que fugiu ao controle”. Myron tivera muita vontade de entrar em contato com a família, tentar oferecer mais do que apenas pêsames, mas não sabia se seu gesto seria bem recebido – tinha quase certeza de que não – e acabara decidindo não se aproximar.

– Bom, e se...

Houve uma batida à porta. Ela se entreabriu e Esperanza enfiou a cabeça pela fresta.

– Ligação para você, Myron – disse ela.

– Anote o recado.

– Acho que você vai querer atender.

Esperanza ficou junto à porta. Seus olhos escuros não revelavam nada, mas ele entendeu.

– Já vou – disse.

Ela recuou pela porta.

Larry Hanson deu um assobio de apreciação.

– Ela é uma gata, Bolitar.

– Obrigado, Larry. Isso significa muito, vindo de você.

Myron ficou de pé.

– Já volto.

– Não temos o dia inteiro para ficar de sacanagem aqui.

– Tenho certeza que não.

Myron saiu da sala de reuniões e se encontrou com Esperanza junto à mesa dela.

– O Vale-refeição – contou ela. – Disse que era urgente.

Christian Steele.

Vendo aquele corpo mignon, ninguém diria que Esperanza Diaz havia sido profissional de luta livre. Durante três anos fora conhecida no circuito como Pequena Pocahontas. O fato de ser latina e não ter qualquer gota de sangue indígena norte-americano não parecia incomodar a direção da ANL (Associação Nossas Incríveis Lutadoras). Era só detalhe. Latina, indígena, qual a diferença?

No auge de sua carreira de lutadora profissional, o mesmo roteiro era representado toda semana em arenas por todos os Estados Unidos. Esperanza (“Pocahontas”) entrava no ringue usando mocassins, um vestido de camurça com franjas e uma faixa que afastava o cabelo comprido do rosto moreno. O vestido de camurça era retirado antes da luta, expondo uma vestimenta um tanto menor e menos tradicional para uma indígena.

A luta livre profissional tem uma trama bastante simples, com pouquíssimas variações. Alguns lutadores são maus. Alguns são bons. Pocahontas era boa, uma das favoritas do público. Era bonitinha, pequena, rápida e tinha o corpo firme. Todo mundo a adorava. Ela sempre estava vencendo na habilidade quando a oponente fazia algo ilegal para virar o jogo, como lançar areia nos seus olhos ou usar um objeto proibido que todo mundo percebia, menos o juiz. Então a lutadora má chamaria mais duas capangas e as três se juntariam contra a pobre Pocahontas, espancando implacavelmente a corajosa beldade, para espanto e revolta dos locutores, que tinham visto a mesma cena na semana passada e nas anteriores.

Justo quando parecia não haver esperança, a Grande Chefe-mãe, uma criatura gigantesca, saía correndo do vestiário e arrancava as feras de cima da indefesa Pocahontas. Então, juntas, a Grande Chefe-mãe e a Pequena Pocahontas derrotavam as forças do mal.

Tremendamente divertido.

– Vou atender na minha sala – disse Myron.

Ao entrar, seus olhos foram atraídos para a placa sobre a mesa, presente de seus pais.

Myron Bolitar

Empresário Esportivo

Balançou a cabeça. Myron Bolitar. Não dava para acreditar que alguém escolheria um nome desses para um filho. Quando sua família se mudou para Nova Jersey, ele disse a todo mundo na escola nova que se chamava Mike. Não adiantou. Depois tentou dar a si mesmo o apelido de Mickey. Que nada. Todo mundo voltou para Myron. Aquele nome era como um monstro de filme de terror: não morria de jeito nenhum.

Respondendo à pergunta óbvia: não, ele nunca perdoou os pais.

Pegou o telefone.

– Christian?

– Sr. Bolitar? É o senhor?

– Sou. E, por favor, me chame de... Myron – pediu. Aceitar o inevitável é sinal de sensatez.

– Desculpe interromper. Sei como está ocupado.

– Ocupado negociando o seu contrato. Estou com Otto Burke e Larry Hanson na outra sala.

– Eu agradeço, Sr. Bolitar, mas isso é muito importante – disse. Havia um quê de nervosismo na voz dele. – Preciso ver o senhor agora mesmo.

Myron trocou o telefone de mão.

– Alguma coisa errada, Christian?

Quanta perspicácia!

– Eu... prefiro não falar pelo telefone. Será que poderia se encontrar comigo no meu quarto, no campus?

– Claro, sem problema. A que horas?

– Agora, por favor. Eu... não sei o que fazer. Preciso que o senhor veja uma coisa.

Myron respirou fundo.

– Tudo bem. Vou pôr Otto e Larry para fora. Vai ajudar nas negociações. Chego aí em uma hora.



Demorou muito mais.

Myron entrou no estacionamento Kinney pela Rua 46, não muito longe de seu escritório na Park Avenue. Cumprimentou Mario, o atendente, passou pela tabela de preços com seu rodapé em letras minúsculas que diziam “imposto de 97% não incluído” e caminhou até seu carro no andar inferior. Um Ford Taurus. Tremenda isca para sereias.

Já ia destrancar a porta quando escutou um som sibilante. Como uma cobra. Ou, mais provável, como um escapamento de ar. Vinha do pneu direito traseiro do seu carro. Uma olhada rápida e Myron pôde perceber que ele havia sido cortado.

– Oi, Myron.

Ele se virou rapidamente. Dois homens sorriam para ele. Um parecia tão grande quanto um país. Myron media 1,93 metro e pesava 100 quilos. Supôs que o cara devia ter uns 2 metros e quase 140 quilos. Parecia pegar pesado na musculação, o corpo inchado como se ele usasse um colete salva-vidas por baixo da roupa. O segundo homem era de estatura mediana e usava chapéu de feltro.

O grandalhão caminhou pesadamente em direção ao carro de Myron. Os braços balançavam rígidos ao lado do tronco. Ele inclinava a cabeça, estalando a parte do corpo que, num ser humano normal, seria chamada de pescoço.

– Algum problema com o carro? – perguntou ele com um risinho.

– Pneu furado – disse Myron. – Tem um estepe no porta-malas. Troque.

– Acho que não, Bolitar. Isso foi só um pequeno aviso.

– É?

O edifício humano puxou Myron pelas lapelas.

– Fique longe de Chaz Landreaux. Ele já assinou.

– Primeiro troque o meu pneu.

O riso aumentou. Era um riso idiota, cruel.

– Na próxima vez não vou ser tão bonzinho – ameaçou. Ele apertou com um pouco mais de força, embolando o terno e a gravata. – Entendeu?

– Você já deve saber, mas preciso alertá-lo de que os anabolizantes prejudicam os órgãos sexuais masculinos.

O rosto do homem ficou vermelho.

– É mesmo, engraçadinho? Eu devia arrebentar sua cara. Devia socar com vontade até virar flocos de aveia.

– Aveia?

– Isso mesmo.

– Bela imagem. De verdade.

– Vá se foder!

Myron suspirou. Então todo o seu corpo pareceu se movimentar ao mesmo tempo. Primeiro veio uma cabeçada que acertou em cheio o nariz do grandalhão. O som foi como o de besouros sendo esmagados. O sangue jorrou.

– Filho da...

Myron o segurou pela cabeça e acertou-lhe uma cotovelada no pomo de adão, quase afundando sua traqueia. Seguiu-se um som de engasgo, dor e sufocamento. Depois silêncio. Então Myron desferiu um golpe com a lateral da mão na nuca do homem.

O gigante caiu no chão como um saco de areia.

– Já chega!

O homem com chapéu de feltro se aproximou. Tinha uma arma apontada para o peito de Myron.

– Afaste-se dele. Agora!

Myron franziu os olhos para o sujeito.

– Isso é mesmo um chapéu de feltro?

– Eu disse para se afastar.

– Tudo bem, tudo bem, estou me afastando.

– Você não precisava fazer isso – disse o homem mais baixo, com uma mágoa quase infantil. – Ele só estava fazendo o serviço dele.

– Um jovem mal compreendido – acrescentou Myron. – Agora estou me sentindo péssimo.

– Só fique longe do Chaz Landreaux, certo?

– Certo coisa nenhuma. Avise a Roy O'Connor que eu disse que não está nada certo.

– Não fui contratado para levar resposta. Só estou entregando o recado.

Sem dizer mais nada, o homem com chapéu de feltro ajudou seu colega a levantar. O grandalhão foi cambaleando até o carro deles, uma das mãos no nariz

e a outra sobre o pomo de adão. O nariz estava arreventado, mas o que doeria de verdade seria a garganta, principalmente quando ele tentasse engolir.

Os dois entraram no carro e partiram. Não pararam para trocar o pneu de Myron.

2

COMO NÃO ERA DOS MAIS HABILIDOSOS no assunto, Myron havia demorado meia hora para trocar o pneu e, nos primeiros quilômetros que rodou, foi bem devagar, desconfiado de seu trabalho e temendo que o estepe se soltasse. Quando ficou mais confiante, acelerou e partiu pela estrada em direção ao campus, onde Christian morava. Ligou para Chaz Landreaux do telefone do carro.

Assim que Chaz atendeu, Myron explicou rapidamente o que havia acontecido.

– Os *cara* já tiveram aqui – disse Chaz.

Havia milhares de ruídos ao fundo. Um bebê chorava. Alguma coisa caiu e se quebrou. Crianças riram. Chaz gritou pedindo silêncio.

– Quando? – perguntou Myron.

– Tem uma hora. Três caras.

– Machucaram você?

– Não. Só me seguraram e fizeram umas ameaças. Disseram que iam quebrar minhas *perna* se eu não cumprisse o contrato.

Quebrar pernas, pensou Myron. Que original.

Chaz Landreaux era jogador de basquete na Universidade do Estado da Geórgia e provável contratação para uma primeira temporada na NBA. Era um garoto pobre da Filadélfia que morava com seis irmãos, duas irmãs e a mãe numa área que, se melhorasse muito, talvez um dia pudesse chegar a ser chamada de comunidade carente.

No primeiro ano de Chaz na faculdade, o olheiro de um empresário importante chamado Roy O'Connor o havia abordado. O sujeito ofereceu a Chaz um “sinal” de 5 mil dólares, com pagamentos mensais de 250 dólares, para assinar um contrato que tornava O'Connor seu empresário quando ele virasse profissional.

Chaz ficou confuso. Sabia que as regras da liga universitária o proibiam de assinar um contrato enquanto pertencesse a ela. O documento seria declarado inválido. Mas o empregado de Roy garantiu que isso não seria problema. Eles simplesmente colocariam uma data futura no contrato, para parecer que havia sido negociado depois. Aí seria só guardar o documento num cofre até a hora certa. Ninguém ficaria sabendo.

Chaz ficou inseguro. Sabia que aquilo era ilegal, mas também sabia o que o dinheiro significaria para sua mãe e seus oito irmãos que moravam em dois cômodos em um fim de mundo horrível. Então Roy O'Connor entrou em cena e deu a cartada final: se Chaz mudasse de ideia em algum momento no futuro, poderia pagar o dinheiro de volta e rasgar o contrato.

Quatro anos depois, Chaz mudou de ideia e prometeu pagar cada centavo. De jeito nenhum, disse Roy O'Connor. Você tem um contrato com a gente. Vai cumpri-lo.

Essa não era uma armação incomum. Dezenas de empresários faziam isso. Norby Walters e Lloyd Bloom, dois dos maiores nomes do ramo no país, tinham sido presos por esse motivo. As ameaças também não eram incomuns. Mas a coisa geralmente acabava aí, nas ameaças. Nenhum empresário se arriscaria a ser denunciado. Quando o garoto se mantinha firme, o empresário recuava.

Mas não Roy O'Connor. Roy estava usando força bruta. Myron ficou surpreso.

– Quero você fora da cidade por uns tempos – continuou Myron. – Tem algum lugar para ficar na moita?

– Tenho, posso ir pra casa de um amigo em Washington. Mas o que vamos fazer?

– Eu cuido disso. Só fique fora de cena.

– Tá legal, saquei – respondeu. Depois: – Ah, Myron, mais uma coisa.

– O que é?

– Um dos caras que me segurou disse que conhecia você. Era um armário, cara. Quero dizer, era enorme. Um filho da puta monstruoso.

– Ele disse o nome?

– Aaron. Disse para eu falar que Aaron mandou lembranças.

Os ombros de Myron caíram. Aaron. Um nome do seu passado. E não era um nome bom. Roy O'Connor não estava só usando força bruta – estava usando força bruta barra-pesada.



Três horas depois de sair de seu escritório, Myron afastou todos os pensamentos sobre o incidente no estacionamento e bateu à porta de Christian. Apesar de ter se formado dois meses antes, Christian ainda morava no mesmo alojamento do campus que havia ocupado em todo o último ano de faculdade, agora por causa do trabalho como instrutor de futebol americano no acampamento de férias da Universidade Reston. Mas dentro de dois dias o Titans estaria convocando seus jogadores para a concentração e Christian estaria lá. Myron não tinha a menor intenção de deixá-lo de fora.

Christian abriu a porta imediatamente. Antes que Myron tivesse chance de explicar o atraso, o rapaz disse:

- Obrigado por vir tão depressa.
- Ah, que é isso. Imagina.

A cor saudável de sempre do rosto de Christian havia desaparecido. O rosado das bochechas que formavam covinhas quando ele sorria não estava lá. Nem o sorriso largo e tímido que fazia as estudantes perderem o fôlego. Até as famosas mãos firmes estavam nitidamente trêmulas.

- Entre – pediu ele.
- Obrigado.

Myron sentiu-se como se tivesse entrado num cenário de seriado de TV dos anos 1950. Para começar, o lugar era impecavelmente arrumado: cama feita, sapatos enfileirados embaixo dela. Não havia meias no chão, nem cuecas, nem acessórios esportivos. E as paredes tinham flâmulas. Flâmulas de verdade. Myron não podia acreditar. Nada de pôsteres ou calendários com modelos famosas. Só flâmulas antiquadas.

A princípio Christian não disse nada. Os dois ficaram ali, parados, desconfortáveis, como estranhos obrigados a permanecer juntos numa festa e sem um copo de bebida na mão. Christian mantinha o olhar baixo, como uma criança que tivesse levado bronca. Não havia comentado sobre o sangue no terno de Myron. Provavelmente nem o notara.

- Myron decidiu usar uma de suas belas e eloquentes frases quebra-gelo:
- O que é que está havendo?

Christian começou a andar de um lado para outro – o que não é fácil num quarto pouco maior que um armário. Myron podia ver que os olhos de Christian estavam vermelhos. Ele estivera chorando, as marcas das lágrimas ainda estavam nas bochechas.

- O Sr. Burke ficou furioso com o cancelamento da reunião? – perguntou ele. Myron deu de ombros.

– Teve um belo faniquito, mas vai sobreviver. Não foi nada, não precisa se preocupar.

- A concentração começa na quinta-feira?

Myron assentiu e perguntou:

- Está nervoso?
- Um pouco, talvez.
- Foi por isso que você quis me ver?

Christian balançou a cabeça. Hesitou, depois disse:

- Eu... não entendo, Sr. Bolitar.

Toda vez que o chamavam de senhor, Myron tinha a impressão de estarem falando com seu pai.

– Não entende o quê, Christian? O que está acontecendo?

Ele hesitou de novo.

– É... – começou a dizer. Então parou, respirou fundo e tentou de novo: – É a Kathy.

Myron pensou ter ouvido errado.

– Kathy Culver?

– O senhor a conheceu.

Myron não entendeu se era uma afirmação ou uma pergunta.

– Há muito tempo – respondeu Myron.

– Quando estava com a Jessica.

– É.

– Então talvez entenda. Sinto falta da Kathy. Mais do que o senhor imagina.

Ela era muito especial.

Myron assentiu, encorajando-o como se fosse um entrevistador experiente.

Christian deu um passo atrás, quase batendo a cabeça numa prateleira de livros.

– O que aconteceu com ela virou sensacionalismo. Foi parar nos tabloides. Fizeram matérias sobre o desaparecimento no *A Current Affair*. Não passou de uma brincadeira para todo mundo, um programa de TV. Ficavam chamando a gente de “sonhadores”, de “casal dos sonhos”.

Ele fez sinal de aspas no ar com os dedos.

– Como se o que a gente tinha fosse irreal, sem sentimento. Todo mundo ficou dizendo que eu era jovem, que logo ia superar. Que Kathy não passava de uma loura bonita, que existiam milhões iguais a ela para um cara como eu. Esperavam que eu tocasse a vida adiante. Ela sumiu, acabou, já era.

O jeito de garoto de Christian – algo que Myron achava que iria ajudá-lo a se tornar o rei dos patrocínios – havia subitamente assumido uma dimensão nova. Em vez do rapaz tímido, inteligente e modesto do Kansas, Myron viu a realidade: uma criança apavorada encolhida num canto, uma criança cujos pais estavam mortos, que não tinha família e provavelmente não tinha amigos de verdade, só gente que cultuava o herói ou que queria algo dele (como o próprio Myron?).

Myron balançou a cabeça. De jeito nenhum. Outros empresários, sim, mas não ele. Não era desse tipo. Mas, mesmo assim, algo parecido com culpa ficou ali, um dedo afiado cutucando suas costelas.

– Nunca acreditei de verdade que Kathy estivesse morta – continuou Christian. – Acho que isso era parte do problema. Esse negócio de não saber acaba consumindo a gente depois de um tempo. Parte de mim... parte de mim quase

esperava que já tivessem encontrado o corpo, qualquer coisa para acabar com isso. Não é uma coisa horrível, Sr. Bolitar, dizer isso?

– Não, acho que não.

Christian olhou-o com solenidade.

– Fico pensando na calcinha. O senhor sabia dela?

Myron assentiu. A única pista do mistério era a calcinha rasgada de Kathy, encontrada em cima de uma lixeira do campus. Segundo boatos, estava coberta de sêmen e sangue. Para muitos, a calcinha era a prova do que se suspeitava havia muito tempo: Kathy Culver estava morta. Era uma história triste, mas não incomum. Fora estuprada e assassinada por um psicopata qualquer. Seu corpo provavelmente nunca seria encontrado – ou talvez um dia alguns caçadores troçassem nos restos de seu esqueleto no meio do mato, o que daria à imprensa um grande atrativo para o horário nobre e levaria as câmeras de volta para os parentes da vítima, em busca de alguma imagem de seu sofrimento.

– Eles fizeram parecer indecente – prosseguiu Christian. – Disseram que era cor-de-rosa. De seda. Nunca chamavam de roupa de baixo, roupa íntima, ou mesmo simplesmente calcinha. Era sempre calcinha de seda cor-de-rosa. Como se isso fosse importante. Uma estação de TV chegou a convidar uma modelo da Victoria's Secret para fazer comentários sobre a calcinha. Calcinha de seda cor-de-rosa. Como se isso significasse que ela estava pedindo pelo que aconteceu. Sujar o nome de Kathy daquele jeito...

Sua voz ficou no ar. Myron não disse nada. Christian estava à beira de alguma coisa. Myron só esperava que não fosse um colapso nervoso.

– Acho que preciso ir direto ao assunto – disse Christian finalmente.

– Demore quanto quiser. Não vou a lugar algum.

– Hoje eu vi uma coisa. Eu...

Christian parou e virou os olhos na direção dos de Myron. Estavam suplicantes.

– Talvez Kathy ainda esteja viva.

Suas palavras acertaram Myron como um tapa. Independentemente de para que Myron estivesse se preparando, o que quer que ele imaginasse que Christian diria, nunca poderia pensar que fosse isso.

– O quê?

Christian abriu a gaveta de sua escrivaninha, que também parecia ter saído de um seriado de TV antigo. Totalmente desentulhada. Duas latas, uma com canetas Bic, a outra com lápis número dois apontados. Luminária de haste flexível. Risque e rabisque com calendário. Dicionário tradicional, dicionário de sinônimos e *Elementos de estilo*, tudo enfileirado entre dois suportes de livros em formato de globo terrestre.

– Isto chegou hoje pelo correio.

Ele entregou uma revista a Myron. Na capa havia uma mulher nua. Chamá-la de peituda seria o mesmo que chamar a Segunda Guerra Mundial de briguinha. Os homens costumam ser fascinados por seios. Myron não fugia à regra. Mas aqueles eram definitivamente um absurdo de grandes. O rosto da mulher estava longe de ser bonito, era meio duro. Ela parecia olhar para a câmera querendo dizer algo do tipo “vem cá”, mas em vez disso sua expressão era mais como “estou com prisão de ventre”. A língua nos lábios, as pernas escancaradas, o dedo chamando o leitor.

Muito sutil, pensou Myron.

A revista se chamava *Mamilos*. De acordo com as palavras impressas sobre o seio direito da mulher, a matéria principal era “Como fazê-la depilar lá embaixo”.

Myron ergueu os olhos rapidamente.

– Que negócio é esse?

– O clipe de papel.

– O quê?

Mas Christian parecia fraco demais para repetir. Só apontou. Na parte de cima da revista Myron viu um brilho prateado. Um clipe estava sendo usado como marcador.

– Veio assim – disse Christian, explicando.

Myron folheou a revista, captando rápidos vislumbres de pele nua até chegar ao clipe metálico. Seus olhos se apertaram, em confusão. Era uma página de anúncio, mas tinha tantas fotos eróticas quanto qualquer outra. No topo estava escrito:

Fantasia ao vivo pelo telefone – escolha sua gata!

Havia três fileiras, cada uma com quatro anúncios, preenchendo toda a página. Os olhos de Myron a examinaram. Não podia acreditar no que via. “Orientais esperando por você”, “Lésbicas molhadas”, “Bate, por favor!”, “Cadelas no cio”, “Peitinhos duros” (para os que não gostassem da foto da capa, sem dúvida), “Quero você em cima de mim!”, “Vem morder minha maçã”, “Me faz pedir mais”, “Procura-se dotadão”, “Ligue agora para a Savannah”, “Dona de casa te-suda”, “Quero um gordinho”. Cada anúncio trazia uma foto: mulheres em poses provocantes com um telefone na mão.

Havia anúncios ainda mais pesados. Travestis. Mulheres com genitais de homem. Alguns Myron nem conseguia entender. Como se fossem experiências científicas. Os números de telefone eram o de esperar. 0900-GATINHA. 0300-69-SEXO. 0300-ME-COME. 0900-DELICIA.

Myron fez uma careta. Sentiu vontade de lavar as mãos.

Então viu.

Na fileira de baixo, o segundo anúncio da direita para a esquerda. Dizia: “Faço tudo!” O telefone era 0900-DESEJOS. Custava 3,99 dólares por minuto, “cobrados discretamente na conta telefônica ou no cartão de crédito”. Aceitavam Visa e Mastercard.

A mulher da foto era Kathy Culver.

Myron sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Voltou para a capa e verificou a data. Era o número atual da revista.

– Quando você recebeu isto?

– Chegou hoje pelo correio – respondeu Christian, pegando um envelope. – Nisto.

A cabeça de Myron começou a girar. Tentou lutar contra a tontura e conseguir algum equilíbrio, mas a foto de Kathy continuava a nocauteá-lo. O envelope era pardo, comum. Não havia endereço de remetente – teria sido fácil demais. Também não havia carimbo de correio nem selos. Dizia apenas:

Christian Steele

Caixa postal 488

Sem cidade, sem estado. O que significava que fora postado dentro do campus. O endereço fora escrito à mão.

– Você recebe muita correspondência, não é? – perguntou Myron.

Christian assentiu.

– Mas elas vão para outro lugar. Isso veio para a minha caixa postal particular. O número não é público.

Myron manuseou o envelope com cuidado, tentando não estragar qualquer digital que pudesse haver.

– Pode ser uma montagem – acrescentou. – Alguém pode ter colocado o rosto dela no...

Christian o fez parar, balançando a cabeça. Seus olhos estavam de novo virados para o chão.

– Não é só o rosto que é dela, Sr. Bolitar – disse sem graça.

– Ah – reagiu Myron, perspicaz. – Entendi.

– Acha que deveríamos entregar isso à polícia?

– Talvez.

– Quero fazer a coisa certa – disse Christian, as mãos se fechando com força. – Mas não vou deixar que arrastem o nome de Kathy para a lama de novo. O senhor viu o que fizeram quando ela era a vítima. O que vão fazer quando virem isso?

– Vão ficar como urubus na carniça.

CONHEÇA OS LIVROS DE HARLAN COBEN

Até o fim
A grande ilusão
Não fale com estranhos
Que falta você me faz
O inocente
Fique comigo
Desaparecido para sempre
Cilada
Confie em mim
Seis anos depois
Não conte a ninguém

COLEÇÃO MYRON BOLITAR

Quebra de confiança
Jogada mortal
Sem deixar rastros
O preço da vitória
Um passo em falso
Detalhe final
O medo mais profundo
A promessa
Quando ela se foi
Alta tensão
Volta para casa

COLEÇÃO MICKEY BOLITAR

A toda prova
Uma questão de segundos
Refúgio

editoraqueiro.com.br

